

UCLA Mester

Title

Ir e voltar

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/7hf2v4zg>

Journal

Mester, 2(1)

Author

Machado da Rosa, Alberto

Publication Date

1971

DOI

10.5070/M321013434

Copyright Information

Copyright 1971 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

Ir e voltar

*Deixo amigos por estranhos,
deixo a veiga polo mar,
deixo, en fin, canto ben quero...
¡Quen pudera non deixar!*

Rosalía de Castro

Princípio

¡Ai triste de quem é triste
na travessia do mar!
Tem uma dor de partir
e tem medo de chegar.

Vê sua terra sorrindo,
vê sua gente a chorar.

Passa no barco seus dias
sem dormir e a sonhar.

Come o arroz de terceira
com ganas de vomitar.

Um dia, de manhãzinha
começa o povo a galhar.

Vêem-se muitos navios,
muito avião a voar,

e uma terra cinzenta
com muito fumo no ar.

Vê uma bandeira nova,
uma estátua de espantar

e casas altas, tão altas
que querem o céu furar.

Sente uma coisa nos olhos
que não o deixa mirar,

e vai descendo as escadas
com vontade de voltar.

Quer um bilhete de volta,
mas não o pode comprar.

Pede o dinheiro aos amigos,
não lho podem emprestar.

Vê o dinheiro dos outros
mas nunca soube roubar.

Pega no saquinho às costas
e começa a caminhar.

Tem a roupa toda suja,
a cara toda a suar.

Um homenzarrão de azul
dá-lhe um papel, a gritar.

O papel cheira a dinheiro
¿onde é que o irá buscar?

27

O bruto grita que grita
iaí quem soubesse falar!

Meio

Os anos passam depressa
e os dias devagar.

Passam anos e mais anos
iquem os pudesse parar!

Trabalha dias e noites
a vender e a comprar.

Compra e vende, noite e dia,
não tem tempo de pensar.

Esqueceu a sua gente,
não tem tempo para amar.

Nunca mais lhes escreveu,
já nem sabe soletrar.

O livro que a Mãe lhe deu
¿onde é que foi parar?

Orações que bem sabia,
não sabe mais recitar.

Só diz palavras mal ditas
¿quem é que o há-de ensinar?

Um dia, pela tardinha,
i que saudade de matar!

Vende tudo, tudo vende,
pra seu dinheiro juntar.

Volta à sua velha terra
de primeira e pelo ar.

As bandeirinhas em baixo
são lencinhos a acenar.

O mar, que era tamanho,
é um laguinho a azular.

Dão-lhe lagosta e champagne
que é mesmo de consolar.

Com a boca ainda cheia
vê a Pátria a despontar.

O sol, laranja madura,
quase se está a afundar.

Desaperta o cinto e sai,
vai suas malas buscar.

Grandes malas, lindas malas,
cheinhas, a abarrotar.

Leva roupas e mais roupas
para si é para dar.

Mira à volta, mira, mira,
¿quem é que o veio esperar?

Só uns gajos bem falantes
estão ali pró saudar.

Dão-lhe uma rica medalha,
um papel a acompanhar.

São homens de muita escola,
muito bons pra discursar.

Dizem-lhe palavras lindas,
todos o vêm abraçar.

Ele diz-lhes “muito obrigado”
com a cabeça a abanar.

Para não dizer asneiras
cala e anda, devagar.

Um homem de azul vestido
ao hotel o vai levar.

29

O homem, fala que fala,
e êle, sem poder falar.

Aqueles a quem bem queria
estão na terra a descansar.

A noite já vem caíndo,
ninguém o vê a chorar.

!Ai triste de quem é triste
na travessia do mar!
Tem uma dor no partir
Tem outra dor no chegar.

Fim

Manda fazer uma casa,
a mais alta do lugar.

Casa com duas bandeiras
e riquezas de pasmar.

Com papel e com medalha
tem muito para contar

e muitos, muitos que o ouvem,
só o querem imitar.

Nesta hora e neste dia
vão e voltam, sem parar.

Vão e voltam, vão e voltam,
pela terra e pelo ar.

Ele mesmo, segundo dizem,
já pensava em regressar.

Mas a morte, a negra morte,
não o deixou embarcar.

Quando o sol ia saíndo
lá o foram sepultar.

iAi triste de quem é triste
na travessia do mar!
deixou tudo ao partir
nada encontrou ao chegar.

Alberto Machado da Rosa